



R e s e n h a

SEVERINO, José Roberto, Itajaí e a Identidade Açoriana: a maquiagem possível. Itajaí: Editora da Univali, 1999, 218 p.

Francisco Alfredo Braun Neto.¹

José Roberto Severino nos convida a desafiar aquilo que se estabelece como monolítico, principalmente no que tange à invenção da identidade açoriana em Itajaí, através da Marejada: Festa Portuguesa e do Pescado, forjando uma identificação com o litoral, com o porto. A festa constitui uma representação da cidade, o que pode causar um certo estranhamento.

Esse livro é fruto desse estranhamento, ou mesmo, como sugere o autor *...é fruto de um misto de curiosidade e indignação.* (p. 35), desse misto que nos encoraja a tornar temas silenciados nos arquivos etc., em possibilidade de problematizá-lo e dar a ele historicidade. Com uma escrita agradável, o corpo do texto divide-se em três capítulos, que mantêm uma certa independência entre si, mas se ligam pela discussão da forma como se construiu em Itajaí a idéia de uma cidade detentora de um status de açorianidade.

Severino busca elementos para entender como que a criação da Marejada em Itajaí, além de ser uma tentativa de colocar a cidade no roteiro das festas de outubro, acabou por inventar uma identidade para cidade. No texto, observa-se os investimentos feitos pelos órgãos públicos municipais para instituir ou mesmo legitimar a festa, onde o homem do litoral passa a ter uma imagem positiva, sendo que o mesmo no início do século era

¹ Graduado em História pela Univali e mestrando em História ingresso em 1998. Orientadora Profª Maria Bernadete Ramos Flores.

visto como portador de uma "indisposição" para o trabalho.

Na tentativa de positivar o homem do litoral e inventar uma identidade açoriana para Itajaí, o autor observa como os investimentos junto à educação com cartilhas escolares, em loterias etc., vão inscrevendo, na cidade, a idéia de uma cultura açoriana "resgatada" de um passado longínquo.

A cidade passa a ser escrita ou rescrita pela festa que ...*propõe, ou impõe um passado monolítico, 'inventado' e produzindo uma tradição açoriana, constituindo uma identidade que se pretende comum a todos* (p. 90).

Esse comum a todos é que faz o autor buscar a parte submersa do iceberg, (como nos sugere Paul Veyne), ao ir à Itajaí da Primeira República, percebe uma outra representação, onde as elites políticas da cidade estão sintonizadas com os ideais de modernidade e civilidade. Isso se articula a imagem do empreendedor relacionado ao imigrante alemão, onde o grupo que se identifica com essa representação se contrapõe ao homem do litoral, visto como "indolente" e "preguiçoso".

As elites econômicas e políticas, fazem da cidade o seu palco de distinções e sociabilidade, também escrevem suas representações acerca da identidade, ruas, praças etc., ganham nomes como Bauer, Konder, Asseburg, Malburg, etc., além do clube caça e tiro e escola alemã. Esta é a cidade a qual José Roberto percorre suas filigranas, uma tensão entre dois momentos que se procurou inventar uma determinada identidade, excluindo outras identidades étnicas ou culturais, que são *séries de discursos sobre a mesma cidade em tempos diferentes* (p. 134).

No final do século XX, constrói-se um caráter homogeneizador da cultura em Itajaí com a Marejada vai tornar o homem do litoral virtuoso, *simples e lutador* (p. 134). Este passa a ser símbolo do progresso, relacionando ao mar, ao porto e ao trabalho. Desse entrecruzamento percebe-se a positivação de uma prática cultural, articulada a invenção de uma herança cultural, que não corresponde ao modo de representá-la anteriormente.

É nesse campo simbólico que o autor conduz sua narrativa, no trabalho de desmonte de uma identidade, que se estabelece como legítima de uma cidade, sem levar em conta a diversidade étnica e cultural. Talvez, possa dizer que o caminho percorrido pelo autor nos mostra como que a criação de uma festa procurou maquiagem uma determinada "realidade", pois a invenção de uma identidade açoriana fez-se escrever uma outra cidade, uma "maquiagem possível".